

## A PERSPECTIVA ETNOBOTÂNICA NA CONSERVAÇÃO DE BIODIVERSIDADE

Maria Christina de Mello Amorozo<sup>1</sup>

A etnobotânica aborda a forma como diferentes grupos humanos interagem com a vegetação. Deste modo, interessam-nos tanto as questões relativas ao uso e manejo dos recursos vegetais, quanto sua percepção e classificação pelas populações locais.

Na maior parte, embora não exclusivamente, estudos etnobotânicos têm sido realizados com populações mais diretamente dependentes do ambiente para sobrevivência. Ao longo de várias décadas de pesquisa, antropólogos e etnobiólogos em geral têm constatado um profundo conhecimento sobre os organismos e processos ecológicos locais por parte desses grupos, em todo o mundo. Isto não é de se espantar, uma vez que tal saber tem uma importância crítica para a exploração e manejo de recursos com vistas à obtenção de alimentos, remédios e matérias-primas para os mais diversos fins. Este “saber local” enraiza-se em contextos culturais e ambientais específicos, de forma que é preciso compreender um pouco da lógica interna do grupo para poder apreciá-lo e avaliá-lo devidamente.

Nos trópicos, encontram-se ainda muitos povos indígenas e populações rurais mestiças habitando áreas de grande diversidade biológica que aprenderam, ao longo do tempo, como conviver com ambientes diversificados. Tal fato reflete-se, por exemplo, nas complexas estratégias de subsistência empregadas por estes grupos, que geralmente incluem, em diferente medida, coleta de produtos vegetais e animais, horticultura ou agricultura, caça e pesca.

A interferência humana na vegetação depende da intensidade de uso e manejo, podendo vir a causar graus variados de modificação tanto no que diz respeito à paisagem, quanto com relação a populações de espécies individuais. Assim, costuma-se reconhecer desde paisagens “intocadas” até aquelas completamente domesticadas. Da mesma forma, para espécies de plantas, ou mesmo populações dentro de cada espécie, há desde aquelas que não são exploradas de forma nenhuma, passando pelas que fornecem produtos diversos, explorados em graus variáveis, até aquelas cuja intensidade de manejo e seleção artificial levam à completa domesticação. Vale lembrar que muitos estudos etnobotânicos em áreas neo-tropicais indicam que uma proporção considerável de espécies é utilizada para alguma finalidade por comunidades humanas locais.

A manipulação de ambientes por estas comunidades, por sua vez, ainda precisa ser melhor conhecida, e constitui um tema que merece investigação aprofundada, por sua complexidade. O sistema de agricultura itinerante, tradicionalmente praticado nas áreas tropicais, é um exemplo: processos relacionados à sucessão ecológica são utilizados para a produção agrícola, aproveitando os estoques de nutrientes presentes na vegetação natural e liberados para o solo através do fogo, bem como a regeneração da vegetação através da sucessão secundária após alguns anos de cultivo das roças. Um ponto que merece destaque aqui é que as roças são geralmente policultivos, contendo grande número de espécies e variedades de plantas cultivadas, o que contribui para a manutenção e mesmo amplificação da variabilidade genética de espécies domesticadas. Entre outras razões, esta diversidade é mantida em sistemas agrícolas tradicionais nos trópicos porque minimiza a ação de pragas e pode levar a um melhor aproveitamento dos micro-habitats, por populações humanas que

---

<sup>1</sup> - Departamento de Ecologia, Instituto de Biociências- UNESP, Rio Claro

não possuem o poder de interferência no ambiente que está disponível para as sociedades industriais e pós-industriais.

O conhecimento local, ou indígena, tem mostrado seu valor através dos tempos - basta lembrarmos todas as plantas domesticadas ou em processo de domesticação que os europeus aqui encontraram à época dos primeiros contatos, e que logo adotaram para seu consumo, bem como aquelas cujo emprego medicinal foi primeiro observado entre os povos autóctones. Estes ainda detêm uma grande quantidade de informação inexplorada pela ciência oficial sobre formas de se lidar com ambientes biologicamente diversificados, como as florestas tropicais, que podem ser úteis para nossa compreensão destes ecossistemas e para o desenvolvimento de atividades produtivas menos predatórias e homogeneizadoras do ambiente, como as comumente empreendidas pela sociedade industrializada.

A etnobotânica, munida de um instrumental teórico-metodológico que inclui muitos aspectos das ciências biológicas e das ciências sociais, especialmente a antropologia, está bem equipada para colaborar com esta tarefa. Não obstante, modificações introduzidas nas formas de vida destas populações devido ao contato com sociedades nacionais, podem levar e estão levando, em muitos casos, ao abandono ou inadequação das antigas estratégias de manejo, ou à sobre-exploração dos recursos, resultantes de um aumento da densidade populacional humana, e/ou da inserção na economia de mercado. Nestes casos, é importante lembrar que tanto a Ciência, quanto o Saber Local, são sistemas de conhecimento, com diferentes ênfases e abordagens, a partir de pontos de vista diversos, o primeiro, globalizante, o segundo particularista. Ambos, trabalhando em conjunto, poderiam trazer resultados mais férteis do que cada um em separado, para lidar com o complexo problema do uso e conservação dos recursos biológicos.